
A gramática da vida: reabitar o mundo no *Día de Muertos* em Oaxaca, 2017

Life's grammar: t ore-inhabit the world on Dia de Muertos in Oaxaca, 2017

Samara Konno



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4682>

DOI: 10.4000/pontourbe.4682

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Samara Konno, « A gramática da vida: reabitar o mundo no *Día de Muertos* em Oaxaca, 2017 », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 17 dezembro 2018, consultado o 02 maio 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4682> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4682>

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 maio 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A gramática da vida: reabitar o mundo no *Día de Muertos* em Oaxaca, 2017

Life's grammar: t ore-inhabit the world on Dia de Muertos in Oaxaca, 2017

Samara Konno

Agradeço primeiramente à família Angeles pelo carinho e atenção com que me acolheram; às fotografias concedidas por Aurora Esperanza Angeles Flores e às conversas, leitura e comentários deste texto realizados por Rodrigo Angeles Flores, Julian Simões, Francisco da Souza e Riccardo Rella.

Introdução

A festa do dia dos mortos no México atua hoje como elemento da identidade nacional, sendo mundialmente reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2003. É uma das principais festividades nacionais, mobilizando não só gerações de famílias¹ em torno da construção dos altares, mas também associações e organizações de igrejas, bairros e povoados vizinhos. O ritual pode ser realizado em até três lugares específicos: no altar em casa; no cemitério, junto ao jazigo familiar; e na rua, através da distribuição de bebidas e alimentos nas casas, a depender da tradição local. Nos locais públicos também podem ocorrer *comparsas* – cortejos ou comitivas acompanhadas por bandas – religiosas ou profanas. Os tipos de altar e oferendas, além do caráter mais ou menos religioso dessa prática, variam de acordo com o Estado e a região na qual esta se localiza, bem como as particularidades culturais e econômicas de cada *pueblo*² (KAWABE, 2018).

Pretende-se neste artigo, fazer uma descrição desta festividade mexicana no contexto da cidade de Oaxaca de Juarez, localizada no Estado de Oaxaca, entre os dias 28 de outubro e 3 de novembro de 2017.

Observar Oaxaca neste momento de consagração ritual da morte é primeiramente consequência de meu interesse sobre os rituais de culto aos antepassados³. A construção de altares com oferendas de flores, alimentos, bem como as práticas rituais em âmbito público e privado, favorecem a percepção do *modus operandi* de uma sociedade. Se por um lado esses rituais baseados em tradições e mitos trazem a percepção da cosmologia local, por outro, são constantemente atualizados, não só pela característica fluída da cultura, mas pelas necessárias adaptações mediante a contemporaneidade, os interesses turísticos, imobiliários e institucionais. Mas junto às características da modernidade, o caráter endógeno de uma veneração aos antepassados persiste com sua potência de identidade, de sentido subjetivo e histórico. É este diálogo entre simbologia religiosa e sentido da vida cotidiana que me encanta no culto aos antepassados e acabou por inspirar essa primeira observação do *Día de Muertos* no México como possibilidade de aprofundamento em futuras investigações⁴.

Inspirada pelo método de observação flutuante (PETONE, 2008) em seu trabalho de campo em um cemitério francês, procurei percorrer a cidade de Oaxaca sem objetivos específicos, mas mantendo uma percepção aberta para eventos contingentes, casuais e excepcionais. Essa metodologia “flutuante” sensibilizada para olhar a cidade, invoca uma observação suspensa ou sem foco, mas ao mesmo tempo atenta para elementos geralmente não notados - animais, parques e vielas - (FONSECA; MAGNI, 2008), permitindo que o pesquisador se deixe afetar por outras possibilidades, também essenciais, em meio ao excesso de informações e aparente caos dos meios urbanos.

O pouco tempo de observação em campo, o nível de complexidade do ritual e da própria cidade limitaram uma coleta de dados aprofundada, mas foi profícua por permitir a sensibilização sobre algumas dinâmicas de apropriação do espaço relacionadas à visibilidade da festa; realizar indagações sobre o envolvimento das pessoas com o *Día de Muertos*, enquanto ritual, tradição e identidade. Além disso, permitiu captar a especificidade desta comemoração no ano de 2017, após dois grandes terremotos ocorridos em setembro do mesmo ano⁵.

Primeiramente será feita uma descrição da cidade neste período: movimentação nas ruas e lojas, preparo de adornos, altares e fantasias, abrindo caminho para uma segunda camada descritiva do ambiente relativa à parte ritual no cemitério, no dia 1º de novembro. Em um segundo momento se adentrará a construção do altar doméstico de uma família local, e por fim, serão apresentadas considerações preliminares que ajudam a formar um quadro geral sobre o *Día de Muertos*, sua relação com a cidade, com o sentido de morte, vida e memória.

A cidade

Oaxaca de Juarez é a capital do Estado que leva o mesmo nome. Está localizada na região centro-sul do México. Com um contingente de 3.907.889 cidadãos em 2015 (INEGI, 2015), foi considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1987, sendo uma das cidades mais procuradas para o turismo no país. Uma das festas de maior reconhecimento e visibilidade cultural é o *Día de Muertos*, pela qual se consagra ritualmente a união entre vivos e antepassados. Segundo a tradição o ritual começa no dia 31 de outubro, continua no dia 1º com a vinda das crianças falecidas e dia 2 de novembro com a visita dos falecidos adultos,⁶ embora, dias antes, haja uma grande movimentação em torno da festa.

De fato, a cidade já estava bastante festiva e turística no dia 27, momento de minha chegada. A greve de professores estaduais⁷ dificultou a circulação em Oaxaca, dobrando o tempo de chegada ao ponto de destino, que era a casa de uma família local. O aparente contratempo decorrido das longas filas de carro, foi neste caso conveniente pois permitiu observar a movimentação na cidade e a presença marcante de turistas estrangeiros que se destacavam pela aparência europeia ou norte-americana, explícita nos tipos de vestimentas, acessórios utilizados (bermudas, bonés, óculos de sol, máquinas fotográficas) e olhar de curiosidade sobre a cidade enfeitada, seus pontos turísticos e artesanatos. Naquele momento já estava posta boa parte da decoração destinada à festa, seja de instituições públicas, como o caso da biblioteca de Oaxaca, ornada com caveiras no segundo andar, seja de comércios e restaurantes que dedicaram tempo e recursos na construção de altares e bonecos de *Catrina*⁸. As decorações em cores vibrantes como roxo e laranja se destacavam junto aos alimentos típicos dessa época: crânios feitos de açúcar ou amaranto e pães de morto⁹ oferecidos tanto nos altares, quanto nas *panaderías*, lojas especializadas em pães. Este caráter festivo da data mobilizou um grupo de turistas dos Estados Unidos com os quais conversei do trajeto do aeroporto até a cidade. Uma senhora que sentara ao meu lado me contou que visitavam a cidade em homenagem a sua filha falecida, e que segundo ela “gostava muito de festas e apreciaria o *Día de Muertos* no México.”¹⁰



SEGUNDO ANDAR DA BIBLIOTECA PÚBLICA CENTRAL DE OAXACA

FOTOGRAFIA: SAMARA KONNO



ALTAR DE UM HOTEL LOCAL COM OFERENDAS DE FRUTAS, VELAS, FLORES, PÃES DE MORTO, BEBIDAS E CAVEIRAS DE AÇÚCAR.

FOTOGRAFIA: AURORA ESPERANZA ANGELES FLORES

Essa ideia do *Día de Muertos* como uma data alegre também foi presente no esforço da prefeitura em minimizar o pesar do terremoto ocorrido em setembro de 2017. A programação cultural da cidade se apresentava com a frase “Oaxaca más viva que nunca!” e seguiu por sete dias consecutivos, tendo início em 28 de outubro com a Magna comparsa Oaxaca 2017, composta por 17 grupos diferentes, muitos deles provenientes de *pueblos* e cidades vizinhas. A celebração seguiu até dia 4 de novembro com uma programação intensa de atividades culturais como shows de bandas locais, exposições, apresentações teatrais, concertos, mostras de arte, artesanato, conferências, intervenções cênicas e audiovisuais, concursos de altares, de fantasias, de comparsas, de poemas e recitais.

Apesar do clima festivo anunciado por todos os lados, a prefeitura realocou a celebração, que tradicionalmente ocorre no cemitério geral do Oaxaca (San Miguel), para o cemitério de Xochimilco, entre outros cemitérios menores, por conta das rachaduras no chão, túmulos e paredes, decorrentes dos tremores ocorridos em setembro.

Quanto ao restante do ritual realizado nas ruas, tudo seguiu como de costume. Diversas *comparsas*¹¹ se iniciavam ao fim da tarde, sendo seguidas por centenas de pessoas pelas avenidas e ruas próximas ao centro. As músicas – compostas por marchas tradicionais – eram tocadas por muitos instrumentos de sopro e bumbo e geralmente acompanhados por bonecos gigantes de papel marchê, que davam um clima carnavalesco à comparsa. A população animada com suas fantasias de caveiras, diabos e monstros, seguia a comparsa com divertimento e cerveja, ainda que fosse proibido o consumo de álcool nas ruas. Apesar das bebidas produzirem maior excitação entre os participantes, o tom de festividade familiar era garantido pela presença de muitas crianças e famílias que acompanhavam a marcha.

Eu caminhava ao final da comparsa, seguindo de longe o rodopiar dos bonecos e a agitação dos participantes, quando percebi uma movimentação na porta da igreja de

Santo Domingo¹². Após uma rápida queima de fogos surgiu a imagem da Virgem Del Rosário acompanhada por dois estandartes. A santa era carregada por jovens e uma leva de fiéis que seguiam atrás de sua imagem, em oração. Estava iluminada pela base e era perceptível o cheiro do incensário que seguia junto à santa, abrindo caminho. Fiquei admirada com a beleza e o caráter religioso dessa comparsa que contrastava muito com a primeira, vista poucos minutos antes. Neste momento meu interlocutor explica que é normal haver dois tipos de comparsa: a profana, em que tradicionalmente se faz encenações entre o bem e o mal, e a comparsa religiosa, que como o próprio nome indica, faz referência a forte tradição católica e devocional aos santos e santas cultuados na cidade.



VIRGEM DEL ROSÁRIO SAINDO EM COMPARSA RELIGIOSA.

FOTOGRAFIA: AURORA ESPERANZA ANGELES FLORES

Conforme a data de 2 de novembro se aproximava, aumentavam os fluxos e os ornamentos de altares, pessoas maquiadas de caveiras e crianças com fantasias temáticas do *Día de Muertos*. Nas ruas era possível ver fantasias muito bem elaboradas, especialmente no dia 31. Vestidos cobertos por flores de papel e caveiras pintadas artesanalmente; anjos caídos com plumas de aves; vestimentas e maquiagens impecáveis de *Catrina* que ganhavam expressão com a performance dos corpos intactos e olhos enrijecidos. Na praça central, um casal fantasiado de caveira se entreolhava em uma cena cotidiana do ambiente familiar: sentados frente a frente em uma mesa, compartilhando uma garrafa de *mezcal*¹³. As superproduções eram disputadas para fotografias e *selfies*, sendo geralmente seguidas de uma pequena contribuição de dinheiro aos performers.

Fantasia de *Catrina***FOTOGRAFIA: SAMARA KONNO****MULHERES FANTASIADAS COM ROUPAS DA REGIÃO DO ISTMO DE TEHUANTEPEC****FOTOGRAFIA: AURORA ESPERANZA ANGELES FLORES**

Outro aspecto interessante foi a organização de um espaço turístico concentrado nos arredores do Templo de Santo Domingo. Ruas repletas de bares, galerias, cafés e *mezcalerías* são voltadas para um público com alto poder aquisitivo, confirmado pela visível presença de estrangeiros. Os indígenas marcavam presença maior no

oferecimento de serviços e trabalhos artesanais. Muitos ofereciam blusas femininas, pinturas, caveiras e pulseiras artesanais, bem como pratos típicos de comida de rua como *elotes*¹⁴ e *tacos*¹⁵. Nesse período a prefeitura organizou uma estrutura provisória para um mercado de artesanato de alta qualidade. Ainda assim, as barracas de artigos artesanais se multiplicavam formando novos caminhos de produtos entre as ruas próximas do mercado principal. Essa paisagem de comércio artesanal de alto valor – embora também rústico, por fazer parte do cenário histórico, bem representado pela arquitetura, pelas ruas de paralelepípedo e pelo Templo de Santo Domingo – distinguia bastante do cenário a poucos quarteirões dali, rumo ao *Mercado de Artesanías*, onde se configurava uma paisagem urbana caracterizada por lojas populares, calçadas mais estreitas, sons altos que saíam das lojas de cds e dvds piratas, pessoas de pele mais escura e maior presença de ônibus, que pouco circulam na zona central mais privilegiada.

O cemitério

No dia 1º de novembro fomos para a igreja Templo de Santo Tomás junto ao cemitério que possui o nome do bairro onde se localiza - Xochimilco - ali havia apresentações de dança e música e um grande altar dedicado aos mortos. Neste momento foram distribuídos chocolate quente e pães de morto entre os presentes, que se concentravam no pátio da igreja. Por volta das 21 horas entramos no cemitério, onde pudemos observar túmulos iluminados por velas de diferentes tamanhos, muitas oferendas de flores, algumas compondo um formato de cruz ou arcos e pessoas pintadas de caveira. Havia também algumas inspirações de *halloween*, com abóboras, desenhos de caveiras divertidas e dizeres como “*muertos, día feliz*”.

Foi possível perceber especificidades interessantes na postura das pessoas em relação ao espaço e à data em si: turistas e estrangeiros circulavam em pequenos grupos e tiravam fotos das tumbas ornadas; as pessoas locais, com familiares ali enterrados, se concentravam em torno do túmulo familiar e apresentavam uma postura de seriedade e respeito, ainda que tocassem instrumentos musicais e compartilhassem alimentos e bebidas alcoólicas. Em um dos jazigos, havia duas mulheres que faziam oferendas de flores e comida, elas conversavam entre si e estavam visivelmente emocionadas. Em outro, um homem acendia velas e rezava de maneira bastante introspectiva.

Essa diversidade de posturas é importante por nos fazer refletir sobre os diferentes interesses e subjetividades que matizam a relação com a morte e a ideia do *Día de Muertos* como uma festa alegre.



TUMBAS DECORADAS COM FLORES NO CEMITÉRIO JARDÍN DE OAXACA

FOTOGRAFIA: AURORA ESPERANZA ANGELES FLORES



TÚMULO ORNADO NO CEMITÉRIO DE XOCHIMILCO, DIA 1º. DE NOVEMBRO DE 2017

FOTOGRAFIA: SAMARA KONNO

Ambiente doméstico

No âmbito doméstico o ritual gira em torno da construção do altar familiar, o que implica em uma série de preparativos: compra de folhas de papel seda, com o que se faz

*papel picado*¹⁶ para decoração do altar, organização dos enfeites, compra de alimentos para produção dos pratos típicos dessa época, organização de fotos dos antepassados a quem se quer fazer homenagem, além de velas e flores frescas. Na casa mexicana onde estava hospedada o costume é de celebrar o *Día de Muertos* de maneira mais doméstica, com altar familiar e não no cemitério, embora oferendas de flores também sejam realizadas no jazigo dos familiares. A preparação do altar é feita em família com participação especial das crianças que dispõem de mais tempo e curiosidade. O altar estava dividido em dois níveis; no primeiro estavam as oferendas de comida, frutas variadas, pão de morto, *mole*¹⁷ com tortilhas, leite com chocolate, água, *mezcal*, cigarro e muitas flores. Neste primeiro nível havia fotos de familiares, com uma imagem da Virgem Maria no centro do altar. Havia muitas representações de caveiras em atividades festivas, algumas com violão, percussão, microfone ou flauta. Havia também representações da vida profana, como uma caveira feminina que lavava roupa e uma outra que preparava massa de milho para tortilhas.

Outro elemento interessante no altar eram as velas em formato de anjos ou túmulos que se espalhavam entre os elementos acima citados e uma abóbora de cerâmica, típica das festas de *Halloween*. No nível superior a mesma lógica era reproduzida, com exceção da cruz de Jesus Cristo, que assumia ali um papel de destaque. No dia 31 o altar foi complementado com uma pequena mesa ao lado, exclusiva para fotos de familiares falecidos e oferendas de flores. Uma cruz feita por flores de *Cempasúchil*¹⁸ vermelhas e laranjas foi colocada no chão, em frente ao altar, e ornada por quatro velas acesas (uma em cada canto da cruz).



ALTAR FAMILIAR EM OAXACA

FOTO: AURORA ANGELES FLORES



ALTAR FAMILIAR EM OAXACA

FOTO: SAMARA KONNO

Algumas considerações

De modo geral, todo o ritual, seja ele realizado em âmbito público ou doméstico, apresenta uma dinâmica muito festiva: cores vibrantes, representações da vida cotidiana, fartura de alimentos, bebidas e músicas, que acompanham as comparsas. Porém, essa configuração festiva do dia dos mortos no México não deve ser vista como exclusividade da cosmologia tradicional sobre a morte.

Algumas bibliografias sobre a organização do *Día de Muertos* em diferentes localidades e povos (García, 2013; Brandes, 1998; Batista, 2016) mostram que em termos de território mexicano a ideia de um *Día de Muertos* exclusivamente feliz, é delicada. Deve-se considerar que grande parte das populações rurais e indígenas costumam celebrar a data de forma mais sóbria, com a presença de oferendas de comidas e bebidas típicas de cada povoado, flores e velas, apenas, sem caveiras de açúcar¹⁹ e de iconografias que compõem o clima jocoso que aparece principalmente nas grandes cidades²⁰. Ou seja, imagens de caveiras divertidas, e às vezes caricaturadas, que enfeitavam jazigos acompanhadas de dizeres como “*muertos, día feliz*”, como foi presenciado em um dos cemitérios, podem fazer parte de uma festividade com antepassados, sem dúvida, mas não pode ser associada a todos os indivíduos, nem a todo o território mexicano.

Dito isso, como poderíamos compreender um pouco melhor a experiência vivenciada em Oaxaca no *Día de Muertos*? Primeiramente, vale a pena lembrar que se trata de um evento complexo, em que é possível perceber diferentes matizes da relação entre sagrado e profano.

O âmbito político e econômico da festa, por exemplo, parece ser proporcional à sua visibilidade, e por isso a lógica da cidade difere das dos dias normais, com maior circulação de bens, serviços e produtos típicos, muitas vezes produzidos por *pueblos* indígenas próximos a Oaxaca.

A coexistência das comparsas profanas e sagradas²¹ mostraram um espaço público compartilhado, que suscita indagações sobre o sentido endógeno dessas práticas, mas também leva a pensar no contexto da cidade e da própria data. Por estarem carregados

de sentido e tradição, configuram-se como traços culturais centrais de uma visibilidade turística crescente, cuja importância política e econômica não pode ser negligenciada. Muito provavelmente as tradições e formas de organização do espaço citadino têm passado por adaptações perante os interesses políticos e econômicos suscitados pelo turismo.

A conexão entre visibilidade cultural e política fica evidente na organização do espaço em processo de gentrificação, mas também em disputas que ultrapassam o interesse turístico, como mostrou a greve de professores que acamparam e fizeram barricadas nas ruas durante este período. Este é um bom exemplo da polissemia e da história política de Oaxaca, reflexo de uma cidade viva e em disputa por espaços e visibilidade²².

O calendário repleto de atividades culturais e a expressão “Oaxaca mais viva que nunca” sugere o esforço político e turístico em minimizar os efeitos negativos dos terremotos sobre a cidade. Mas deve-se considerar também que a exaltação da alegria no *Día de Muertos* é uma característica endógena e essencial, que circunscreve esta celebração à identidade nacional.

Além disso, o *Día de Muertos* de 2017 se apresenta de modo específico diante da percepção da morte e da tragédia coletiva causada pelos terremotos de setembro. Nesse caso, as centenas de mortes e vidas traumatizadas foram resultados de uma catástrofe natural, infligindo uma experiência de morte desconectada da política, do narcotráfico, do descaso e abusos institucionais. Desta especificidade do evento, a morte emerge como incontestável, e sem potência de grito político, se ampara na solidariedade e resignação do próprio luto. Se por um lado os terremotos impuseram ao povo mexicano a realidade da morte como fato natural, por outro, a gramática desta festividade, ao trazer a ideia de coexistência entre vida e morte, possibilita a transgressão simbólica da fatalidade. Nesse sentido o *Día de Muertos* é um ritual capaz de ressignificar a dor, a perda e o trauma por tecer uma linha tênue que sabe muito bem articular morte, vida e festividade. Não por acaso, a frase - Oaxaca, mais viva que nunca! - pode ser lida como metáfora de atualização positiva, como forma de reabitar o mundo dos vivos.²³

Também foi interessante observar as negociações subjetivas que permitem coexistir diferentes níveis de sobriedade, respeito e veneração, com o caráter mais lúdico e colorido do *Día de Muertos*. De fato, a celebração desta data e o luto são momentos rituais específicos, mas também concomitantes - como foi o caso de famílias que estavam no cemitério no dia 1º de novembro, cujo pesar e choro pelos recém-falecidos criava uma atmosfera de separação entre estes e o restante das pessoas em volta, que sociabilizavam de forma festiva. Este fato mostrou que o ritual do luto e do *Día de Muertos* pode se referir a tempos, comportamentos e expressões diferentes na relação com a morte. Se a perda de pessoas próximas invoca um ritual de dor e pesar, pode-se inferir que as características festivas deste período sejam configuradas conforme a família se afasta do luto, se acostuma com a ausência dos entes queridos e inicia uma nova fase de relação com a morte, cuja ritualização da memória pode ser feita com descontração.

Por fim vale a pena lembrar que a veneração aos antepassados perpassa diferentes sentidos de atualização da identidade familiar. Por mais que a festividade religiosa extrapole para negociações pelo espaço público, com complexidades políticas e econômicas, o sentido do ritual gira em torno do altar familiar. Afinal, a celebração existe primeiramente como forma de homenagem aos antepassados.

O altar familiar observado mostrava influências hispanas e indígenas representativas da identidade mexicana. A imagem de anjos, caveiras, santos, Virgem Maria e Jesus, dividiam espaço com elementos de raízes indígenas, marcados nos pratos feitos com milho (*maíz*), como *tamales* (um tipo de pamonha recheada), tortilhas, molhos apimentados e *mezcal*.

Também foi possível perceber o altar como construção de pertencimento familiar. Nesse sentido, a forte presença de cotidiano através das representações de caveiras ocupadas com diferentes afazeres chamou muito a atenção. Este altar – diferente de todos os outros observados²⁴ – estava cheio de roupas para lavar, tortilhas para amassar, instrumentos para tocar e cantar, dando o tom da identidade da família que o compôs: numerosa, alegre, pragmática, cheia de comunicação, pratos fartos e *mezcal*. Afinal, a identidade familiar está muito atrelada à memória. Foram mães e pais, avôs e avós que ensinaram as primeiras noções de cultura, oferecendo as bases de visão o mundo e de ação sobre ele. Nesse caso, uma lógica cotidiana e familiar transposta para um altar, cria sobre essa lógica um sentido de sagrado. Esse processo faz com que a memória do cotidiano – das quantias certas de água, sal e pimenta – da ordem de servir os pratos no café da manhã, entre outros hábitos e costumes apreendidos no seio familiar sejam reforçados, podendo ser lido na chave da reafirmação da identidade da família e da própria nacionalidade mexicana.

BIBLIOGRAFIA

Batista A. Julia. Um brinde a identidade, à diversidade e alteridade: um passeio pelo mundo dos mortos no sul do México. *Abehache*, 8 (1), 2015, p. 1-18. Link: <http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/abehache8.pdf>. Acessado em 20/03/2018

Brandes, Stanley. Iconography in Mexico's Day of the Dead Origins and Meaning. *Ethnohistory: Duke University*, v. 45, n.2 *Jstor*. 1998, pp. 181-218. Link: <https://www.jstor.org/stable/483058>. Acessado em 20/03/2018

Das, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Dossiê: violência, outros olhares. *Cadernos Pagu* (37) jul-dez, 211. pp. 9-41.

Delgado Flores, Amalia Adelia. Rituales y creencias en torno a la muerte en Santa Cruz Analco, Puebla. *Vita Brevis*, ano 2, 2013, p. 1-13 Link: <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/vitabrevis/article/view/3218>. Acessado em 18/02/2018.

Garcia Reys, Gector Adrian. Viko Ndiyi: “La Fiesta de los Muertos”. Señales, reencuentros y ofrendas rituales entre los mixtecos. *Vita Brevis*, ano.2, 2013, p 23-34. Link: <file:///C:/Users/Admin/Desktop/3220-5138-1-PB.pdf>. Acessado em: 18/02/2018.

Johansson, P. Días de muertos en el mundo náhuatl prehispánico. *Estudios de Cultura Nahuatl*, v. 34 2003. Link: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn34/678.pdf>. Acessado em 18/02/2018

Kawabe, Shinji. El retorno de los ancestros e su sentido social. Segun se desprende de los cuentos y las danzas del Día de Muertos em la Huasteca. *Perspectivas latino americanas*. n. 5, 2008, p 237-267.

Link: <https://www.ic.nanzan-u.ac.jp/LATIN/kanko/PL/2008PDF/13-Kawabe.pdf>. Acessado em 18/02/2018.

Malvido, Elsa. La festividade de Los Santos. Fieles difuntos e su altar de muertos em Mexico. *Patrimonio cultural e turismo*. Cuadernos, 2006. Link: <http://www.cultura.gob.mx/turismocultural/cuadernos/pdf16/articulo3.pdf>. Acessado em 10/01/2018

Pétonnet, Colette. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”.

Antropolítica n.25, 2º sem./2008 [1982], p. 99-111, http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_25.pdf

Wallenius Rodriguez, Carlos; Bórquez Concheiro, Luciano. Sin maíz no hay país. Luchas indígenas y campesinas por la soberanía alimentaria y un proyecto de nación en México. *Revista Nera: Presidente Prudente*, ano 19, n 32, 2016, p.214-235. Link: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4798>. Acessado em 17/03/2018

Referências de jornais eletrônicos:

Ciudad de México: acaba el rescate de víctimas tras el sismo de septiembre. EITB.EUS. Link: <http://www.eitb.eus/es/noticias/internacional/detalle/5124604/terremoto-mexico-19-septiembre-2017-noticias-5-octubre/>. Acessado em 10/03/2018

Conoces el significado de los elementos de una ofrenda de *Día de Muertos*? GOB.MX. Link: <https://www.gob.mx/cdi/articulos/conoces-el-significado-de-los-elementos-de-una-ofrenda-de-dia-de-muertos>. Acessado em 23/03/2017.

INEGI - Instituto Nacional de Estadística e Geografía (2015). Disponível em <http://cuentame.inegi.org.mx/monografias/informacion/oax/poblacion/>. Acessado em 12/10/2018

NOTAS

1. Cada família nuclear pode construir o seu próprio altar, onde os antepassados mais próximos são lembrados, mas é costume que haja uma casa principal, geralmente do patriarca ou matriarca, na qual um maior número de antepassados é homenageado e onde grande parte da família se reúne para a celebração do Dia dos Mortos.
2. *Pueblos* são cidades pequenas, no interior dos estados, que variam muito em número, densidade populacional e PIB, onde geralmente se encontram muitas tribos e organizações indígenas.
3. Desenvolvi uma pesquisa de mestrado intitulada “Retornando à casa: culto aos antepassados okinawanos”, defendida em 2016, pela Universidade de São Paulo.
- 4.
5. A região central e sul do território mexicano passou por dois terremotos, nos dias 7 e 19 de setembro de 2017 deixando 369 mortos nos estados de México, Morelos, Guerrero, Oaxaca, Puebla e Chiapas. Foi o terremoto de maior magnitude desde o grande terremoto do 1985.
6. A quantidade de dias do ritual e das categorias de falecidos que vêm de visita também variam de acordo com as tradições locais.
7. Professores associados à Coordinadora Nacional de Trabajadores de la Educación (CNTE) fizeram greve em Oaxaca, exigindo pagamento de 90 dias de trabalho em atraso.
8. Primeiramente nomeada como “La calavera Garbancera” (caveira de mau gosto), a Catrina - como é conhecida hoje - trata-se de uma representação de caveira ornada com roupas da burguesia europeia. Seu criador, José Guadalupe Posada, a desenhava em

- periódicos e jornais mexicanos com a intenção de criticar de forma sutil as elites política e social mexicanas.
9. Pães doces com representações antropomórficas que são feitos especialmente para essa festa.
 10. O grupo vestia uma camiseta com a foto da garota que havia morrido dois anos antes.
 11. Um interlocutor me explicou que este tipo de manifestação era bem tradicional do *Día de Muertos* dessa região de Oaxaca, embora não fosse exclusiva. Citou a cidade onde vivem seus pais – Xalapa, capital do estado de Vera Cruz – onde não há este tipo de tradição.
 12. A igreja de Santo Domingo faz parte do convento de mesmo nome, inaugurado pelos dominicanos em 1608. Hoje o edifício abriga o Museu das Culturas de Oaxaca, o Jardim etnobotânico, a biblioteca Fray Francisco de Burgoa e a Hemeroteca pública de Oaxaca.
 13. Mezcal é uma bebida alcoólica destilada produzida a partir da fermentação da planta agave, com a qual também se produz a tequila.
 14. *Elote* trata-se de milho cozido envolto por um molho feito à base de maionese, manteiga e queijo ralado, podendo levar ainda, pimenta, limão e sal.
 15. Tacos são feitos de tortilhas (massa fina e de forma circular à base de milho), e algum tipo de recheio.
 16. Papel picado é um tipo de artesanato ornamental feito com uma técnica de recorte em papel seda.
 17. Mole é um molho feito à base de chocolate e vários tipos de condimentos e pimentas. De coloração marrom escura e sabor acentuado, é geralmente consumida com carne de peru ou frango.
 18. *Cempasúchil* significa “flor de vinte pétalas” na língua *nahuátl*. Tradicionalmente essas flores fazem parte das oferendas no *Día de Muertos*, pela crença de que seu odor guia o caminho de retorno dos ancestrais ao altar familiar.
 19. Ícone do Dia dos Mortos no México, as caveiras de açúcar são representações de crânios feitas de açúcar na qual costuma se escrever o nome de pessoas vivas ou falecidas e são encontradas para venda nas ruas, lojas e mercados durante o período de festividades do *Día de Muertos*.
 20. Para saber mais sobre a iconografia do *Día de Muertos* em México ver Brandes, Stanley. *Iconography in Mexico's Day of the Dead Origins and Meaning*. Jstor. 1998
 21. Para saber mais sobre as festas religiosas, em especial, a mortuária, cuja homenagem se volta para a Virgem do Rosário, ver Garcia Montes, Olga; Garcia Montes, Heitor (2013).
 22. No dia 09/11/2017, data de meu retorno, a situação estava ainda mais tensionada devido a prisão de uma das lideranças da greve. As principais avenidas haviam sido fechadas, tornando praticamente impossível a circulação pela cidade, aumentando em cerca de 4 horas os trajetos usualmente realizados em 30 ou 40 minutos.
 23. Veena Das (2011) reflete sobre reabitar o mundo a partir de um movimento de ressignificação organizada através da narrativa, da memória e do trabalho de reconstrução de laços sociais de uma mulher cuja vida foi traumatizada pela repartição política na Índia em 1947.
 24. Refiro-me aqui a diferentes altares observados nas ruas de Oaxaca, cujo caráter público pode diferir bastante dos altares familiares.

AUTOR

SAMARA KONNO

Mestra em Estudos Culturais – USP